

A ABORDAGEM DA MORTE E MORRER NA GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Danieli Bandeira¹
Silvana Bastos Cogo Bisogno²

Resumo

Este artigo objetiva relatar a experiência de uma acadêmica do sétimo semestre do curso de Enfermagem de uma universidade pública localizada na região norte do Estado do Rio Grande do Sul sobre suas vivências durante a Graduação referente à abordagem da temática morte/morrer. O contato com a temática referida deu-se no decorrer das aulas teóricas assim como nas aulas práticas. Por meio da experiência vivida pode-se perceber certa deficiência na formação acadêmica quanto à abordagem do processo de morte/morrer. Evidenciou-se a fragilidade dos cursos de Graduação em saúde quanto à inserção da temática em seus currículos. Neste sentido, faz-se necessária a reflexão da ampliação dos preceitos da educação para a morte na busca da (re)humanização do processo de morte/morrer em uma sociedade que lida com receios e incertezas diante do tema, e que não se sente preparada para tal enfrentamento.

Palavras-chave: Enfermagem. Morte. Tanatologia.

The Approach of Death and Dying in Undergraduate Nursing: n Experience Report

Abstract

The study aims to describe the experience of an academic of the seventh semester of nursing at a public university located in the northern region of Rio Grande do Sul on their experiences during the graduation on the thematic approach of death / dying. Contact with the theme that occurred in the course of lectures and practical classes. Through experience, we can see some deficiency in academic as to approach the process of death/dying. It was evident the fragility of undergraduate courses in health as to introduce the theme into their curriculum. It is necessary to reflect the expansion of the precepts of education for death in the pursuit of (re) humanizing the process of Death and Dying in a society that deals with fears and uncertainties facing the issue that does not feel prepared for this confrontation.

Keywords: Nursing. Death. Thanatology.

¹ Acadêmica do sétimo semestre de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação Superior Norte do Rio Grande do Sul (Cesnors). Enfermeira residente do Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Gestão e Atenção Hospitalar no Sistema Público de Saúde da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. danieli.bandeira@hotmail.com

² Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora assistente do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM do Centro de Educação Superior Norte do RS/Cesnors.. silvanacogo@unifra.br

A temática morte/morrer vem sendo discutida, analisada e vivenciada de maneiras diversas no decorrer da História por diferentes áreas do conhecimento. A área da saúde, contudo, é a que possui maior contato com o processo de morte/morrer e, por isso, necessita de atenção especial. Da mesma maneira que a sociedade lida com a morte na tentativa de excluí-la do cotidiano, os profissionais da saúde, principalmente os da Enfermagem, também utilizam esse subterfúgio. O despreparo técnico e muitas vezes educacional e até existencial dos enfermeiros na abordagem dos temas relacionados com o processo de morrer é frequentemente observado e as dificuldades ao se defrontar com pacientes fora de possibilidades terapêuticas de cura (FPTA), muitas vezes se deve à preparação inadequada (Santos, 2009a). Assim, acredita-se que o despreparo da Enfermagem ao defrontar-se com as questões relacionadas à morte/morrer poderá repercutir negativamente na assistência prestada aos pacientes.

A morte incomoda e desafia a onipotência humana e profissional, o posicionar-se diante do sofrimento e da dor, que nem sempre pode ser aliviada, e elaborar perdas torna-se um grande desafio despertando sentimentos de impotência e culpa (Kovács, 2003a). A fragilidade da equipe de saúde ao lidar com FPTA frequentemente é percebida por acadêmicos da área da saúde que reconhecem não saber como relacionar-se tanto com os doentes terminais quanto com seus familiares, demonstrando dificuldades ao lidar com o processo de morte e morrer dos pacientes assistidos em estágio (Bernieri; Hirdes, 2007). Isso revela o quão difícil é lidar com os sentimentos que a morte suscita, o que justifica a atitude de muitos profissionais, que se dedicam apenas aos cuidados técnicos e burocráticos, evitando assim um maior contato com o paciente e seus familiares.

O cuidar de pessoas morrendo mais do que nunca tornou-se uma tarefa árdua e desgastante para os profissionais da saúde, uma vez que estes não se sentem preparados para tal (Thomas; Carvalho, 1999). Essas dificuldades são ainda mais visíveis na equipe de Enfermagem por ser a que estabelece um contato próximo com o paciente e seus fami-

liares. Os profissionais não estão sendo formados para trabalhar com a morte e o processo de morrer. No Brasil são poucos os cursos de Enfermagem que possuem esta temática nos seus currículos como disciplina optativa (Santos, 2009a).

Partindo deste pressuposto, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem não mencionam a assistência a pacientes considerados FPTA, bem como a morte (Brasil, 2001). Essa realidade vem se mostrando cruel, pois muitos profissionais que trabalham diariamente com a morte não recebem qualquer formação na área (Santos, 2009a).

É fundamental que a pessoa que realiza cuidados à vida humana seja capaz de promover uma intervenção eficaz, incluindo os aspectos biológicos bem como as emoções que estes desencadeiam (Santos, 2009a). Logo, o trabalho durante a formação acadêmica sobre a morte é imprescindível, para que haja profissionais preparados ao lidar com o assunto e aptos a trabalhar com a humanização do cuidado. Desse modo, é fundamental que se tenha conhecimento de como é trabalhado o processo de morrer durante a Graduação em Enfermagem e, com isso, contribuir para uma discussão acerca da necessidade do preparo formal do enfermeiro diante da morte.

Destaca-se, contudo, que por mais que durante o processo de formação se estimule a discussão da morte e morrer nos seus cotidianos acadêmicos, isso não significa o total preparo do acadêmico para lidar com a temática, visto que este assunto perpassa as questões relacionadas às crenças, culturas, experiências e vivências individuais, pois cada pessoa carrega consigo o seu próprio entendimento de morte/morrer e é a partir deste que ela estrutura seus conceitos e atitudes perante o enfrentamento da morte.

Neste sentido, o presente artigo tem por objetivo relatar a experiência de uma acadêmica de Enfermagem a respeito de suas vivências durante a Graduação sobre a abordagem da temática morte/morrer.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, caracterizado como relato de experiência das atividades desenvolvidas durante a Graduação em Enfermagem de uma acadêmica do sétimo semestre de uma universidade pública localizada na região norte do Estado do Rio Grande do Sul, no decorrer de sua formação quanto à abordagem sobre a temática morte/morrer.

O curso de Enfermagem apresenta uma extensa carga horária que antecede o primeiro contato com a área hospitalar. Primeiramente os acadêmicos contam com o subsídio de disciplinas básicas para o exercício da Enfermagem, tanto na saúde pública quanto na área hospitalar. No segundo momento acontece a aproximação dos acadêmicos com o campo prático da saúde pública. Posteriormente, no quarto semestre iniciam-se as práticas hospitalares e, conseqüentemente, se estabelece um maior contato com pacientes em situações de morte iminente. É a partir desse momento que começa a ser discutida, tanto no decorrer das aulas teóricas quanto nas práticas, a questão do enfrentamento do processo de morte/morrer pelos acadêmicos.

A abordagem teórica referente à morte/morrer resumiu-se apenas em um momento em que não se pode correlacionar com as experiências vivenciadas pelos acadêmicos, uma vez que, no presente momento da explanação da temática, eles ainda não tinham realizado atividades nos campos de prática, logo, não haviam vivenciado qualquer experiência em relação ao processo de morte/morrer.

Ao longo das aulas práticas evidenciou-se uma demanda maior da atenção para as atividades técnicas, o desenvolvimento da clínica exclusivamente em detrimento do processo saúde/doença e a administração dos serviços de Enfermagem. O tema morte/morrer, porém, e sua repercussão tanto para os familiares envolvidos quanto para os profissionais e acadêmicos, foi pouco abordado, restringindo-se apenas a discussões paralelas referentes à morte de algum paciente. Sendo assim, enquanto algum acadêmico não se defrontasse com a morte/morrer no decorrer das aulas práticas, esse assunto não era abordado.

Alguns aspectos sobre a vivência acadêmica diante da morte/morrer

O acadêmico de Enfermagem na sua formação aprende a se comprometer com a vida em detrimento da morte, como se esta não fizesse parte daquela. Toda a sua formação é voltada para a cura, que proporciona gratificação do aprendizado e recompensa o esforço empregado. Quando a morte se faz presente, ela traz para o acadêmico o sentimento de incapacidade e despreparo para tal enfrentamento (Kovács, 2003b).

No decorrer do exercício profissional que tem como ferramenta o cuidado, o enfermeiro encara diversos sentimentos relacionados ao processo de morte/morrer, deparando-se com algo que não pode controlar e, quando a morte se faz presente, surgem sentimentos de impotência, culpa, tristeza e medo. Da mesma maneira, a partir das vivências, percebe-se que os acadêmicos de Enfermagem, ainda em estágio curricular, sentem-se deprimidos e abalados com a perda de um paciente pelo qual tentaram ao máximo a busca de sua recuperação.

Como vem sendo discutido, constata-se a pouca relação dos acadêmicos com a temática morte/morrer, bem como uma dificuldade no enfrentamento desta nos campos práticos, o que se evidenciou pelo seu afastamento ao se depararem com situações de morte iminente.

A prática profissional dos acadêmicos de Enfermagem manifesta-se por meio dos estágios curriculares e sua preparação para enfrentar o processo de morte/morrer durante a Graduação está embasada nas vivências deste momento, porém não há uma preparação específica para esta situação, acarretando sentimentos de angústia, posto que na Graduação o compromisso da Enfermagem é com a cura de seus pacientes, devendo o acadêmico estar preparado para atender os pacientes em prol da saúde, tendo como seu sinônimo a vida. Quando, porém, a morte se faz presente, o sentimento de frustração é despertado, por não ter realizado intervenções eficazes para salvar a vida da pessoa que estava sob seus cuidados (Kovács, 2003a).

Cabe destacar o distanciamento de parte dos docentes e acadêmicos da temática, o que ocasiona a desvalorização da abordagem do processo de morte/morrer, muitas vezes por medo e insegurança perante o seu enfrentamento. Dessa maneira, o que se observa é uma lacuna na formação destes profissionais em formação, que serão inseridos no cotidiano de trabalho sem uma preparação eficaz para o enfrentamento da morte/morrer.

Repercussões da abordagem sobre a morte/morrer

É notória, na maioria das vezes, a inserção do acadêmico no convívio do morrer durante a parte prática da aprendizagem. Nesse contexto, o assunto morte quase nunca é abordado na Graduação, e no decorrer do trabalho prático ele é quase sempre desqualificado (Santos, 2009b). Isso se justifica pelo fato de o ensino dos cursos na área da saúde enfatizarem a formação técnico-científica dos acadêmicos, possibilitando pouco espaço para a abordagem dos aspectos emocionais, espirituais e sociais do ser humano (Bernieri; Hirdes, 2007).

Sugere-se que muitas das dificuldades encontradas pelo estudante de Enfermagem em falar sobre a morte e o morrer originam-se da insegurança dos professores, posto que estes foram alunos e se depararam com os mesmos problemas e talvez não tenham tido a oportunidade de discorrer sobre o assunto enquanto acadêmicos. Ou seja, se o professor sente-se inseguro em relação ao tema, muitas vezes não é fornecido o espaço para a sua reflexão, o que o leva a um maior investimento na técnica. Desse modo, a troca de experiências em relação à morte/morrer fica fragmentada, e a sua abordagem ocorre de maneira superficial.

Os acadêmicos, portanto, não possuem um contato próximo com a temática, ficando à mercê de conflitos internos que muitas vezes não são resolvidos e superados. Percebe-se, ainda, que a morte é abordada de maneira negativa por meio do seu

oposto, isto é, a manutenção do corpo vivo pelo emprego de todos os esforços tecnológicos e profissionais possíveis (Bellato et al., 2007).

Além dos aspectos culturais e espirituais pessoais, o ensino dos cursos da área da saúde também é apontado como agente causador do despreparo dos profissionais para lidar com a morte, uma vez que o ensino enfatiza a formação técnico-científica dos futuros profissionais, propiciando pouco espaço para a abordagem dos aspectos emocionais, espirituais e sociais do ser humano (Bifulco; Iochida, 2009).

É importante ressaltar que a Graduação não vem oferecendo para os acadêmicos um preparo de qualidade que subsidie o enfrentamento da morte/morrer. Dessa maneira, salienta-se a importância da discussão sobre a temática tanto em sala de aula quanto no campo de estágio, pois muitas vezes o que se observa é a Graduação enfatizando as técnicas de Enfermagem e o cuidado com o corpo físico do paciente, deixando uma lacuna no que diz respeito ao cuidado psicológico que deveria ser ofertado aos pacientes e familiares (Bernieri; Hirdes, 2007).

Faz-se necessária a formação de profissionais preparados para cuidar de pessoas em situação de finitude e para cuidar de si mesmos, enquanto cuidadores expostos a um cotidiano de trabalho no qual a morte se faz presente constantemente (Pinho; Barbosa, 2010). Neste sentido, destaca-se a importância da inclusão da temática morte/morrer nos currículos dos cursos de Enfermagem, para que assim futuros profissionais tenham um ambiente acadêmico preparado para discutir questões pertinentes a eles.

Algumas reflexões

A maioria dos cursos de Enfermagem privilegia procedimentos técnicos em detrimento de uma formação mais humanista (Kovács, 2003b). Logo, o que se observa é a reduzida oferta de espaços para trabalhar a relação enfermeiro/paciente, bem como o contato com as emoções e sentimentos que as re-

lações com os doentes e seus familiares provocam e que também fazem parte do cotidiano de trabalho de acadêmicos e profissionais de Enfermagem.

Para tanto, é fundamental que se possibilite um maior espaço de discussão e reflexão do conceito morte de cada indivíduo, tanto no âmbito acadêmico quanto hospitalar, para que se viabilize a elaboração das emoções. Neste sentido, torna-se necessário que o profissional da saúde, em seu processo de formação, esteja preparado para o enfrentamento da morte, a partir dos conhecimentos que a tanatologia proporciona.

É necessária a reflexão da ampliação dos propósitos da educação para a morte na busca de uma (re) humanização do processo de morte/morrer em uma sociedade que ainda lida com receios e incertezas perante o tema, e que não se sente preparada para tal enfrentamento. Diante desse fato, a problemática em questão acabou por motivar a autora do trabalho a realizar uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso que visa a conhecer como os docentes do curso de Enfermagem abordam a morte e o morrer na academia e quais as implicações no processo de formação dos acadêmicos de Enfermagem.

Referências

- BELLATO, R. et al. A abordagem do processo do morrer e da morte feita por docentes em um curso de Graduação em Enfermagem. *Acta paul. enferm.*, São Paulo, v. 20, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v20n3/a03v20n3.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2011.
- BERNIERI, J.; HIRDES, A. O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo de morte-morrer. 2007. Monografia (Conclusão de curso de Graduação em Enfermagem) – Centro Universitário Feevale. *Texto Contexto Enferm.*, Florianópolis, v. 16, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n1/a11v16n1.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2011.
- BIFULCO, V. A.; IOCHIDA, L. C. A formação na graduação dos profissionais de saúde e a educação para os cuidados de pacientes fora de recursos terapêuticos de cura. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v33n1/13.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2011.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares – Graduação. Enfermagem. Parecer CNE/CES nº 1.133, de 7 de agosto de 2001. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ces1133.pdf>>. Acesso em: 1º fev. 2011.
- KOVÁCS, M. J. *Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; Fapesp, 2003b.
- KOVÁCS, M. J. *Educação para a morte: temas e reflexões*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; Fapesp, 2003a.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PINHO, L. M. O.; BARBOSA, M. A. A relação docente-acadêmico no enfrentamento do morrer. *Rev Esc Enferm USP*, São Paulo, v. 44, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a15v44n1.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2011.
- SANTOS, Franklin Santana (Org.). *A arte de morrer: visões plurais*. 1. ed. São Paulo: Comenius, 2009a.
- SANTOS, Franklin Santana (Org.). *Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer*. São Paulo: Atheneu, 2009b.
- THOMAS, C.; CARVALHO, V. L. *O cuidado ao término de uma caminhada*. Santa Maria: Pallotti, 1999.